

Comércio vive processo de esvaziamento

SEM SOLUÇÃO
As tentativas de reverter o quadro de degradação têm sido inúteis

CLÁUDIO BANDEIRA

O Edifício das Seguradoras, na Rua Conselheiro Dantas, é o retrato do atual estado de degradação do Comércio, no Centro de Salvador. Construído há cerca de 20 anos, o prédio encontra-se com a maioria de seus 12 andares sem ocupação, inclusive a ampla loja do térreo, que abrigava uma agência bancária. A construção, que ainda hoje exibe um moderno projeto arquitetônico, é apenas uma entre dezenas de outras que foram abandonadas após a consolidação do novo centro de Salvador na região do Iguatemi.

Contrastando com uma época em que o Comércio era considerado o centro financeiro do Estado e havia uma grande valorização do metro quadrado, atualmente os proprietários de salas e lojas contentam-se em alugá-las pelo valor do condomínio e do IPTU só para que o prejuízo não seja total, como relata o presidente da Associação dos Empregados do Comércio, Santiago Coelho Rodriguez Campo.

Várias ações, segundo ele, vêm sendo desenvolvidas no sentido de reverter a decadência do bairro, mas os principais projetos anunciados pelos poderes públicos são de médio e longo prazos: "Será que os pequenos e médios empresários vão resistir até lá?", questiona. Uma das ações de curto prazo colocadas em prática e que deu resultados positivos foi a introdução da Zona Azul em ruas que antes tinham calçadas, o que, segundo Rodriguez Campo, ampliou significativamente a oferta de vagas

para estacionamento.

Entre os sinais de abandono estão a invasão de ambulantes e o precário calçamento dos passeios na maioria das ruas. Feitos em pedra portuguesa após uma reforma executada em 1975, os passeios estão esburacados e necessitando de manutenção, da mesma forma que vários edifícios e antigos casarões, abandonados há vários anos. Nada que faça lembrar o fervilhar de há 30 anos, quando o baiano contava apenas com os centros comerciais existentes na Baixa dos Sapateiros, Avenida Sete e o próprio Comércio, na Cidade Baixa, e os lojistas não imaginavam que os novos tempos mudariam radicalmente o modo de ser de Salvador.

Empregos resistem

Ainda de acordo com o presidente da Associação de Empresários do Comércio, várias obras de manutenção não foram realizadas, pois se argumenta que o programa de saneamento Bahia Azul, que ainda não foi executado no Comércio, anularia as melhorias. Por outro lado, apesar da decadência, o Comércio gera 9.200 empregos formais e cerca de mil informais, tem 1.523 empresas formais e 639 informais, indica pesquisa realizada em novembro de 2000, o que, por si só, justificaria investimentos na reurbanização.

As principais causas da degradação urbana do Comércio estão na multiplicação dos shoppings, na falta de estacionamento e na insegurança, que tem sido cada vez maior na cidade. "Não perdemos a esperança de revitalizar o Comércio, seja com os projetos a serem executados pelo governo e prefeitura ou com a adoção de propostas que deram resultado em outras áreas degradadas de grandes cidades brasileiras", diz Rodriguez Campo.



O deslocamento das atividades comerciais para outras regiões da cidade determinou o fechamento de diversos pontos

Bahia Azul em Itapuã gera queixas

JOSÉ ARAÚJO NETO

Moradores do bairro de Itapuã estão reclamando das obras do Programa Bahia Azul, iniciadas, mas interrompidas há mais de um ano, apesar de haver no bairro muitos esgotos poluindo praias e ruas. Os moradores criticam também a falta de higiene no Mercado de Itapuã e a depredação da Lagoa do Abaeté, atualmente ameaçada pela prática de esportes radicais. São poucas as melhorias feitas: urbanização da Baixa da Soronha, obra da Embasa, e o posto de saúde, refor-

mado nos últimos meses.

O esgotamento sanitário é um problema sério no bairro. Segundo o pescador Geraldo de Souza, 39 anos, depois de um ano de intervenção, o Programa Bahia Azul conseguiu fechar apenas uma das seis saídas de esgotos para a praia. "Não sabemos realmente como andam os serviços, mas, por enquanto, está paralisado e não há prazo para o retorno", disse o pescador. Na Ladeira do Abaeté também os esgotos descem do alto até o largo, onde se localizam bares, shoppings e pontos de venda de

acarajé, como o de Cira.

Esportes radicais

Atualmente em moda, os esportes radicais estão preocupando os ambientalistas na Lagoa do Abaeté. Os praticantes de surf na areia e os motoristas de bugres destroem as dunas, como denunciou o vice-presidente do Grupo Ecológico e Cultural Nativos, Bernardino Sales, que apontou as lagoas do Urubu, Vêu das Noiwas e Dois como as mais atingidas.

"Na Dois e na do Urubu, que são formadas por água da chuva,

a passagem dos bugres é um verdadeiro crime contra a natureza", citou o ecologista, que conseguiu nos últimos dias que uma dupla de policiais da Polícia Ambiental fizesse ronda no local. Como fator positivo, o próprio grupo Nativo reconhece que a prefeitura, através da gerência do Parque Metropolitano do Abaeté, dá apoio às iniciativas dos ecologistas locais. Além dos problemas que afetam ruas do bairro, os moradores denunciavam de que no Mercado de Itapuã até estacionamento foi oficializado em cima do passeio.